

DA FORMAÇÃO DOCENTE EM NARRATIVA DECOLONIAL: CONSTRUINDO IDENTIDADES, MEMÓRIAS E HISTÓRIAS NA LEC/UFRRJ

*Of teaching training in decolonial narrative: building identities, memories and stories at
LEC/UFRRJ*

*De la enseñanza de la formación en narrativa decolonial: construyendo identidades,
memorias e historias en LEC/UFRRJ*

Fabricsia Vellasquez Paiva*

<https://doi.org/10.38117/2675-181X.formov2021.v3i3n7.906-922>

Resumo

O presente artigo visa contribuir para o debate sobre a Educação do Campo e suas possibilidades de formação, a partir de uma experiência junto à primeira turma do Curso de Licenciatura em Educação do Campo (LEC) da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, campus Seropédica. Partindo do problema de apropriação da linguagem como um movimento decolonial, intentamos investigar como a memória-história pôde ser escrita por uma educação popular coletivizada entre os sujeitos partícipes do Curso, via Cadernos Reflexivos, em narrativas de/para si. Por meio desses instrumentos de composição formativa, o estudo demonstrou como as propostas efetivas disponibilizaram outra possibilidade de formação, via identidade e memória pregressas e formativas. Carece, no entanto, uma disponibilidade maior dos centros de formação, especialmente as universidades, para que as metodologias alternativas também possam ser integradas junto às atividades formais da LEC, estendendo-se, ainda, aos demais cursos da educação superior.

Palavras-chave: Formação; Narrativa; Decolonialidade; Memória; Educação do Campo.

Abstract

This article aims to contribute to the debate on Rural Education and its training possibilities, based on an experience with the first class of the Rural Education Degree Course (LEC) at the Federal Rural University of Rio de Janeiro, campus Seropédica. Starting from the problem of appropriation

of language as a decolonial movement, we intend to investigate how memory-history could be written by a popular education collectivized among the subjects participating in the Course, via Reflective Notebooks, in narratives of/for you. Through these instruments of formative composition, the study demonstrated how the effective proposals made available another possibility of formation, through previous and formative identity and memory. However, there is a need for greater availability of training centers, especially universities, so that alternative methodologies can also be integrated with the formal activities of LEC, also extending to other higher education courses.

Keywords: Formation; Narrative; Decoloniality; Memory; Rural Education

Resumen

Este artículo tiene como objetivo contribuir al debate sobre la Educación Rural y sus posibilidades de formación, a partir de una experiencia con la primera promoción de la Licenciatura en Educación Rural (LEC) de la Universidad Federal Rural de Río de Janeiro, campus Seropédica. Partiendo del problema de la apropiación del lenguaje como movimiento descolonial, pretendemos investigar cómo la memoria-historia podría ser escrita por una educación popular colectivizada entre los sujetos participantes del Curso, a través de Cuadernos Reflexivos. A través de estos instrumentos de composición formativa, el estudio demostró cómo las propuestas efectivas pusieron a disposición otra posibilidad de formación, a través de la identidad y la memoria previa y formativa. Sin embargo, existe la necesidad de una mayor disponibilidad de centros de formación, especialmente universidades, para que también se puedan integrar metodologías alternativas con las actividades formales de la LEC, extendiéndose también a otros cursos de educación superior.

Palabras clave: Formación; Narrativa; Descolonialidad; Memoria; Educación rural.

Da introdução: diálogos essenciais

*Defendendo o que pensa saber
levanta certeza na forma do muro, orgulha-se de seu casulo.
Até que maduro explode em voos, rindo do tempo que imaginava saber
ou guardava preso o que sabia.
Voa alto sua ousadia
reconhecendo o suor dos séculos no orvalho de cada dia.*

Mauro Iasi¹

Na proposta analítica das narrativas dos sujeitos de fala, o presente artigo se coloca no estudo do limite entre as práticas institucionais que ainda resistem, em seus modelos tradicionais de ensino, e as ações decoloniais de educação que, igualmente por resistência, se assumem no mesmo espaço institucional, apesar de. Também poderíamos iniciar a problematização, pelas palavras de Iasi, na comparação de uma história sobre o Curso, na

¹ IASI, Mauro. *Aos educadores populares – aula de voo*. In: SAVIANI, Dermeval. *Educação: do senso comum à consciência filosófica*. Campinas, SP: Autores associados, 2002.

Universidade, que ainda “orgulha-se de seu casulo” e da memória, nos Cadernos que, explodindo “em voos”, expõe aquilo que “guardava preso o que sabia”.

Trazemos, assim, o debate definido a partir de uma pesquisa maior (publicada em 2018), que dialogou com as produções e as participações dos estudantes da primeira turma do Curso de Licenciatura em Educação do Campo (LEC) da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, quando ainda alunos da referida graduação (2010-2013). Esse grupo de estudantes compunham uma turma em situação pouco institucionalizada com a Universidade, tanto pela distância de seus locais de origem e as possibilidades que a instituição poderia/deveria proporcionar para a manutenção dos licenciandos na estada junto ao Curso, quanto por ter sido, essa primeira turma, um Projeto piloto da Universidade, sem garantia de continuidade e de institucionalização regular de oferta do Curso. Ademais, como condição deste Projeto, os estudantes precisariam apresentar relação e pertencimento a um movimento social e/ou em situação de resistência: quilombos, assentamentos, acampamentos, aldeias etc.

Era importante, assim, registrar, e ainda já naquele momento, essa passagem formativa e de afeto junto a esse percurso. Os Cadernos Reflexivos, ou Cadernos de Estudo da Realidade, foram a composição individual-coletiva de escritura desse processo, tendo sido nosso objeto investigativo no decorrer dessa pesquisa – o que vimos aqui indicando como uma linguagem decolonial: aquela que se (re)organiza na academia, resgatando memória, identidade, coletividade e ancestralidade. Como registro de tudo o que os estudantes vivenciavam ao longo dos semestres letivos, o instrumento é apresentado como mais um recurso metodológico disponibilizado pela Pedagogia da Alternância² da LEC – não sendo, pois, um instrumental específico de uma disciplina em particular. Nele, inclusive, era possibilitado e fomentado qualquer tipo de construção, em diversas manifestações da linguagem, que representasse um olhar crítico e reflexivo sobre a formação: dificuldades, descobertas, conceitos, diálogos, resistências.

Neste recorte do presente artigo, assim, ainda que a ideia de memória-história não represente uma oposição imediata à de história-memória, a pretensão é a de destacar a história, via memórias, do Curso da LEC na Universidade, por vias pouco ‘institucionais’. Para tanto, consideraremos como as lembranças *da* e *sobre* formação são resgatadas nos

² A Pedagogia da Alternância é uma construção elaborada pela/para a educação básica do campo, em respeito aos tempos de relação com o campo, e com a produção, com que os sujeitos precisam lidar. Na educação superior, alguns cursos continuam a utilizar essa expressão, mantendo-se inclusive a nomenclatura “Tempo Escola” e “Tempo Comunidade”, como é o caso do Curso por nós tomado como campo de análise. Apesar de, na análise dos Cadernos, diferenciarmos as produções no TE e no TC, as etapas de formação não foram por nós separadas neste modelo adotado entre os Tempos.

Cadernos pelos estudantes, especialmente a partir daquilo que representa a Educação do Campo para eles – considerando suas experiências anteriores e suas vivências no período da formação em licenciatura em educação do campo.

Como práxis que aponta sobre si e sobre a realidade social, mas principalmente sobre si no mundo, a memória refletida nos Cadernos tem o pressuposto pedagógico de (re)construir reflexões sobre educação e trabalho, sobre formação e cotidiano, sobre relações sociais outras. Nas reminiscências de cada linha da produção dos estudantes, não é apenas a lembrança formativa que se traz à tona: é projetada, na mesma direção, a possibilidade de se pensar em outros caminhos, futuros, para a vida em sociedade. Assim:

No plano da práxis pedagógica, a Educação do Campo projeta futuro quando recupera o vínculo essencial entre formação humana e produção material da existência, quando concebe a intencionalidade educativa na direção de novos padrões de relações sociais, pelos vínculos com novas formas de produção, com o trabalho associado livre, com outros valores e compromissos políticos, com lutas sociais que enfrentam as contradições envolvidas nesses processos (CALDART, 2012, p. 263).

Dessa forma, a memória-história a ser trabalhada compreenderá a análise dos Cadernos pelo viés memorial que resgata e que projeta com a mesma intensidade – pela resistência das narrativas a partir da autoconsciência revisitada pelas experiências contadas (ADORNO, 1995). Assim, partimos do entendimento de que a formação dos sujeitos de fala na Universidade precisa integrar a memória pregressa desses mesmos estudantes, a partir daquilo que se tem constituído do diálogo anterior com a educação básica do campo, pelas relações estabelecidas com o trabalho, com a educação e/ou com as demais relações sociais oriundas de seus territórios.

Para tanto, por ser nosso objeto material de análise os Cadernos Reflexivos, não nos limitaremos, neste espaço, a apresentar as características de cada educando, em sua possível relação com a Universidade, nem mesmo por meio dos seus escritos, tendo em vista a quantidade de estudantes que conseguiu se formar³. A integração da memória, portanto, buscará refletir a atualização – ou a presentificação – das lembranças formativas

³ Ao final da primeira turma, 51 estudantes são apresentados no relatório final do Curso, nas regionais de seus territórios de origem, a saber: Regional Metropolitana: Campo Alegre-Nova Iguaçu; Terra Prometida-Caxias; Marapicu-Nova Iguaçu; São Bernardino-Nova Iguaçu; Cachoeira Grande-Magé; Quilombo das Guerreiras-Rio De Janeiro; Japeri; Sindicato dos Trabalhadores Rurais-Caxias. Regional Médio Paraíba; Regional Norte: Assentamento Cantagalo-Rio Das Ostras; Assentamento Celso Daniel-Macaé; Assentamento Zumbi dos Palmares-Campos dos Goytacazes; Assentamento 13 de Maio-Espírito Santo; Assentamento Cambucaes-Silva Jardim. Regional Sul Fluminense: Quilombo Santa Rita do Bracuí-Angra dos Reis; Aldeia Sapukay-Angra dos Reis; Praia do Sono-Paraty. Regional São Paulo.

das passagens analisadas antes mesmo de ingressarem no espaço formal de educação superior.

Com intuito, assim, de evidenciar o(s) Memória(is) e as identidades, pelas narrações em escrituras da LEC, os Cadernos analisados ao longo dos próximos diálogos serão apresentados em suas principais características. Procuramos continuar com a identificação entre a produção realizada no Tempo Comunidade e no Tempo Escola, em destaque, embora, em nossa análise, essa diferenciação não tenha um significado de separação, mas, sim, de fidelidade e de compreensão de como, nesses registros, as interferências dos pares em diálogo podem ter influenciado para mais ou para menos a seleção daquilo que fora revelado nas narrativas.

Partimos, assim, da concepção de que pela centralidade dos/nos sujeitos, se faz também necessária a consideração do que vimos aqui reproduzindo como a Pedagogia da Alternância, dividida em Tempo Escola e em Tempo Comunidade. Atribuída pelas escolas do ciclo básico da Educação do Campo, a proposta pedagógica em alternância atribui importância aos ciclos de formação, em respeito às realidades do estudante, em geral trabalhador dessas escolas ou que lida com a colheita, mas, também, em relação ao tempo de aprendizagem com que suas vivências se colocam para a instituição escolar. Nas palavras de Arroyo (2012, p. 734), “dar centralidade aos tempos de formação humana carrega uma opção de pôr uma concepção de educação como humanização e pela retomada da educação, da formação humana, como direito”.

Dessa forma, dos Cadernos entregues às Coordenações⁴, geral e pedagógica, tivemos o contato com sessenta e seis (66) referentes às etapas mais básicas (de 1 a 4) do Tempo Comunidade; e cento e dois (102) do Tempo Escola. Todos foram analisados, e selecionamos vinte e sete (27) do TC e vinte e nove (29) do TE para serem utilizados como pontos de apoio à socialização das escrituras. Os critérios considerados tomam, como principais elementos, aqueles que demonstram uma forma típica de escritura, em

⁴ Apesar de ser uma prática programática a entrega dos Cadernos, ao final de cada etapa, o percurso de “controle” não poderia ser uma ação sistemática junto aos estudantes. A própria dinâmica de vida e de ida e vinda para a Universidade e para os territórios de origem, ademais, pode não ter contribuído para que a garantia de devolução dos escritos acontecesse, especialmente porque os Cadernos acompanhavam os estudantes em suas viagens formativas – para o TC, para o estágio, para os projetos, etc – o que, talvez, justifique a quantidade superior ser justamente a referente aos Cadernos das etapas do TE. Queremos, ademais, contribuir com duas reflexões sobre este aspecto: o primeiro vai na direção da dificuldade e/ou da insegurança quanto ao que se vai expor em escrita ou o que se quer revelar – sendo, pois, a entrega um desafio a essa possível realidade; o segundo, e ainda em diálogo com o primeiro, pode se apresentar como uma subversão à data fixada da entrega, como tentativa de resistir a uma exposição que não se quer. Apesar dessas intervenções, vemos que a participação nos Cadernos, em geral muito preenchidos, não foi alterada ou forjada pelos estudantes.

continuidade possível às suas vivências, e apesar de serem inscritos em um processo institucional de formação.

Mesmo em quantidade superior dos Cadernos das etapas do TE em relação as do TC, procuramos manter uma relação equilibrada entre as produções de ambos os tempos da alternância, de modo a não evidenciar uma em detrimento a outra. A seleção, por fim, buscou considerar os Cadernos que, à semelhança de outros, tenham conseguido expressar a mesma mensagem, a partir de outras manifestações inclusive⁵. Não houve, pois, neste sentido, nenhuma desconsideração de algum Caderno que não tenha sido representado – em proximidade de escrita e de representação – por outro.

Os Cadernos Reflexivos, esses mesmos que vimos assim denominando por uma organização de nomenclatura e de apropriação pelos estudantes, também receberam, na escritura com que os próprios licenciandos os apresentavam – em geral nas capas ou nas primeiras páginas, junto aos seus nomes⁶ – outras formas nominais: “Diários de bordo”, “Diários reflexivos”, “Memórias”, “Agenda”⁷. De todos os títulos recebidos, no entanto, um deles se destaca: “Vivências”. Em mais de um conjunto de escritos, o termo “Caderno” cedia lugar à ideia de que ali seriam apresentadas as experiências, vivenciadas, de sujeitos que, mesmo na Universidade, continuavam a narrar suas próprias histórias – e a trazê-las de outros espaços/seus territórios, não apenas em continuidade, mas *para* o novo lócus formativo – assim como o sujeito que se permite estender por cada folha por ele inscrita em sua narrativa.

Utilizando cadernos escolares pequenos, cada licenciando-autor teve, em geral, um caderno para cada tempo na alternância, em cada etapa. Apresentados a partir desse

⁵ Queremos aqui evidenciar que não partimos de uma seleção com correção vocabular e/ou ortográfica. Pelo contrário: outras manifestações de linguagem, as quais nos referimos, ilustram exatamente a possibilidade de que as análises procuraram trazer o diferencial, na perspectiva decolonial, não apenas no gênero narrativo dos Cadernos, em uma formação de nível superior, mas, sobretudo, na utilização de outras expressões, tais como imagem em colagem, desenho, poesia, música, charge, enfim, pistas linguísticas, textuais, de composição de outra possibilidade de letramento acadêmico.

⁶ Por não serem os estudantes nosso referencial de análise, mas sim suas produções, e também para não os expormos desnecessariamente, não utilizaremos seus nomes “reais” na pesquisa. A referência de produções oriundas de sujeitos diferentes, dessa forma, será realizada por meio de iniciais alfabéticas tanto para os licenciandos produtores dos Cadernos quanto para os docentes que, porventura, tenham sido citados ao longo das narrativas. Os discursos das produções, no entanto, terão seus trechos fielmente reproduzidos, com suas marcas textuais típicas.

⁷ Muitos Cadernos apresentam o formato de “agenda” – não apenas pelo aspecto físico do suporte de registro, sendo, pois, uma agenda realmente – mas pela sistematização entre datas e atividades a cada etapa do TC e do TE. Importante sinalizar que, em nossa análise, isso não diminuiu o efeito narrativo dos escritos. Pelo contrário: ao adotarmos também um desses Cadernos para a socialização do que fora produzido, a intenção é a de demonstrar como, metodologicamente, a proposta dessas escrituras *também* gerou o efeito de pesquisa e de reflexão *inclusive* pela sistematização das práticas.

formato, a grande maioria dos textos autorais sobre a formação dos licenciandos, por eles mesmos, tinham a mesma configuração espacial (Fig. 1); outros, no entanto, nem sempre eram adotados a partir do formato⁸ de um caderno propriamente dito (Fig. 2 e 3) – com brochuras, folhas presas e ordenadas; mas, apesar disso, seu conjunto de mensagens era igualmente – ou até mais – significativas quanto ao memorial de percurso na LEC:



Fig. 1: Aspecto geral dos Cadernos

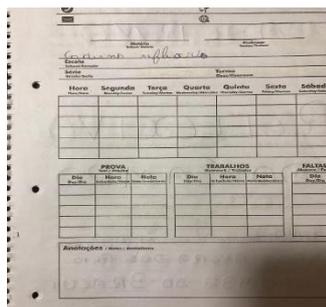


Fig. 2: Outro formato dos Cadernos

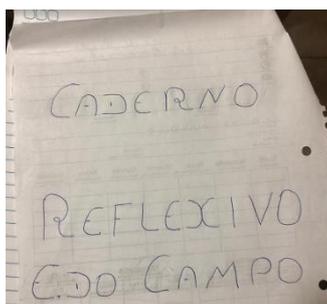


Fig. 3: Outro formato dos Cadernos

Outras importantes características encontradas de maneira geral nos Cadernos dizem respeito à apresentação estética com que foram compostos. Mesmo em sendo suportes pequenos, geralmente utilizados por crianças, os cadernos – muitos deles doados e/ou adquiridos pela coordenação e pelos estudantes através de diferentes formas de ajuda – logo ganhavam identidade própria de cada licenciando, e até da turma, a começar pelas capas – da mesma consciência estética de que falamos pela autoprodução de suas próprias vivências –, sendo a reexistência que pode levar à resistência. Enfeitados ou encapados de um jeito particular, os Cadernos se destacavam como uma necessidade de marcação

⁸ Na maioria dos casos em que os escritos dos licenciandos foram registrados em folhas avulsas ou fora de um modelo tradicional de caderno, algumas explicações eram inscritas na própria elaboração textual por eles: ora justificadas como demora de ingresso/de participação no Curso; ora como atraso no ato de pegar o caderno com a coordenação do Curso; ora, por fim, como um possível esquecimento, ou dificuldade de tempo, naquela etapa, de retomada do memorial para a entrega a tempo.

de um princípio estético *também* do campo, por meio de estampas, de mensagens ou de imagens significativas em relação aos territórios de origem dos estudantes. Assim:



Fig. 4: Capas com elementos-memória dos territórios



Fig. 5: Capa com rótulo geracional/espacial de um território

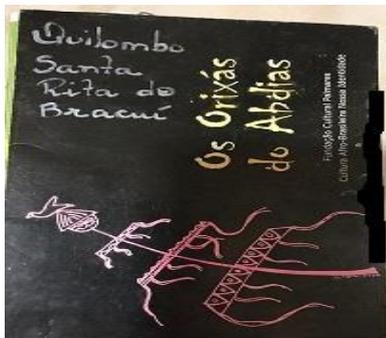


Fig. 6: Capa com memória da ancestralidade dos territórios



Fig. 7: Capa com símbolos subjetivos de um território

Utilizando-se de várias manifestações da linguagem – diferentes e complementares – os licenciandos puderam (se) expor, evidenciando suas formas próprias de ver o mundo e de analisar aquela realidade tão nova na qual se encontravam. Internamente, nas páginas que aos poucos eram preenchidas, a composição também se tecia de maneira especial, e não apenas com relatos sequenciais das ações a cada tempo ou a cada etapa. Dessa forma, ao se permitirem a elaboração de uma forma simbolicamente única, conseguiam, com isso, não fugir de seus territórios. Por meio dessa localização de seus espaços em outros (novos) espaços, eles se encontravam e reorganizavam seus coletivos em si mesmos, como podemos perceber nas imagens-texto a seguir:

DA FORMAÇÃO DOCENTE em narrativa decolonial: Construindo identidades, memórias e histórias na LEC/UFRRJ

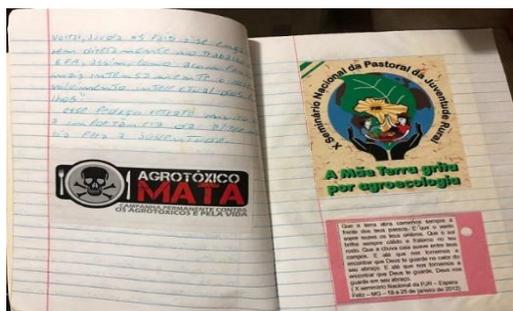


Fig. 8: Imagem interna e particular do Caderno

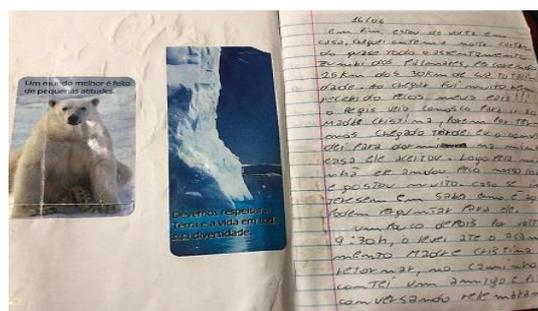


Fig. 9: Imagem interna do Caderno com diferentes textos

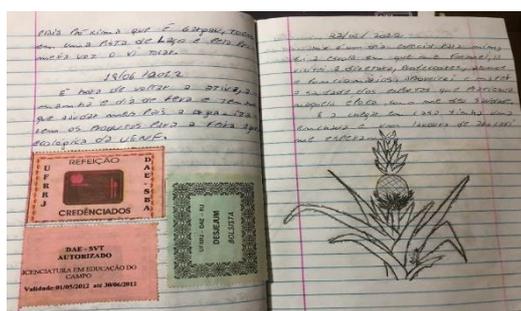


Fig. 10: Integração entre texto escrito, imagético, e colagem

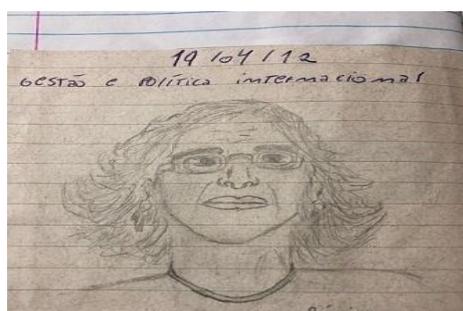


Fig. 11: Texto imagético caricato

Os exemplos acima trazem para nós muitos significados: desde os adesivos ou os recortes de jornais e de revistas sobre agrotóxicos, agroecologia e preservação do meio ambiente, até os desenhos autorais das representações importantes para os estudantes. Destaca-se, além disso, na Fig. 10, o tíquete de ingresso/de autorização para o refeitório, o Restaurante Universitário (RU) da Universidade. Esse acesso ao RU é uma marca importante para os licenciandos da LEC, tendo em vista que, mesmo sendo previsto como um direito aos estudantes, é cobrado um valor simbólico de aquisição dos tíquetes para cada aluno. Na LEC, no entanto, seus estudantes conseguiam acesso especial pela verba de contrapartida⁹ entre a Universidade e o convênio Pronera (Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária) nesta primeira turma.

Ainda sobre a estrutura dos Cadernos pelas colagens – compreendida por nós como um grande mosaico de cor, de afeto, de registro e de (in)formação – a poesia escrita e desenhada, intertextual ou autoral, também ganha destaque nessa heterogeneidade textual. Com isso, viabiliza o acesso à reflexão de si e do coletivo, tanto pela mensagem de João Cabral no poema “Tecendo a manhã”, em que “um galo sozinho não tece uma manhã”, quanto pela voz de um dos estudantes ao relatar o processo de adoecimento de

⁹ Uma das rubricas destinadas ao convênio tinha como objetivo justamente a liberação do acesso e do tíquete de consumo das refeições aos estudantes, administrada pela coordenação do Curso – daí a impressão nominal e especial do Curso nos tíquetes especialmente destinados à LEC/Pronera.

“boa parte da turma” ao final de uma das etapas, por conta do excesso de atividades. Assim:

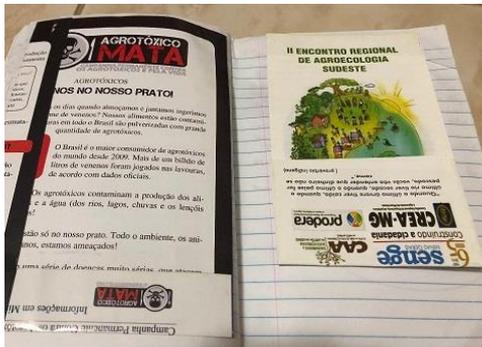


Fig. 12: Composição de textos em colagem-lembrete-memória

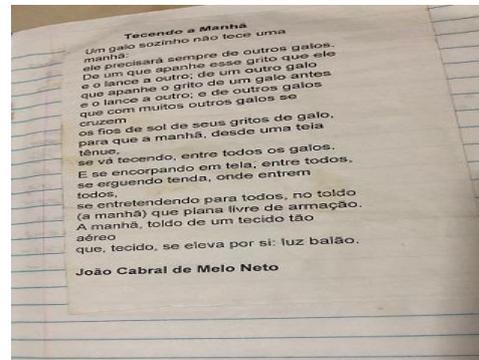


Fig. 13: Texto dialógico com poesia

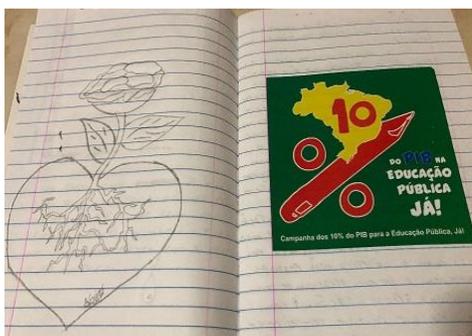


Fig. 14: Integração entre textos poéticos autorais e críticos

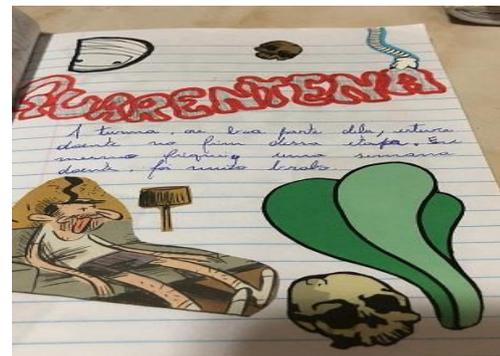


Fig. 15: Texto múltiplo e crítico de si e do coletivo

Percebemos que muitas colagens, ademais, têm, nos Cadernos, a função de lembrete-memória sobre eventos e sobre participações importantes dos estudantes nos referidos seminários, congressos, simpósios. Tal como a colagem dos tíquetes, esses textos de panfletos e folderes se materializam como uma ocupação necessária nesses espaços, que precisa ser lembrada quanto à sua data de realização e, depois, documentada como uma marca de conquista de presença confirmada em sua edição.

Outro destaque também merece nosso novo olhar: o fato de, em muitos Cadernos, alguns trechos sofrerem realces de canetas marca-texto e/ou de recursos manuais, como traçados circulares ou sublinhados – o que nos leva à compreensão de uma estratégia especial de, na narrativa, evidenciar ainda mais aquilo que se quer expor¹⁰ – dentre os

¹⁰ Apontamos essa como uma característica especial em um texto narrativo-argumentativo, por entendê-lo, por ele mesmo, como um gênero que já seleciona o que se vai expor. O destaque, sobre essa seleção,

DA FORMAÇÃO DOCENTE em narrativa decolonial:
Construindo identidades, memórias e histórias na LEC/UFRRJ

quais uma aula com um representante guarani (Fig. 16); a participação do movimento estudantil junto ao posicionamento de Greve (Fig. 17); a felicidade na aquisição de duas obras, ou “livros grossos”, os primeiros assim adquiridos, visando inclusive à monografia (Fig. 18); e, por fim, a reflexão necessária e exposta claramente sobre a condução ideológica do Curso, quando da pergunta duplamente em destaque: “De que educação do campo estamos falando?” (Fig. 19). Os trechos originais são assim apresentados:

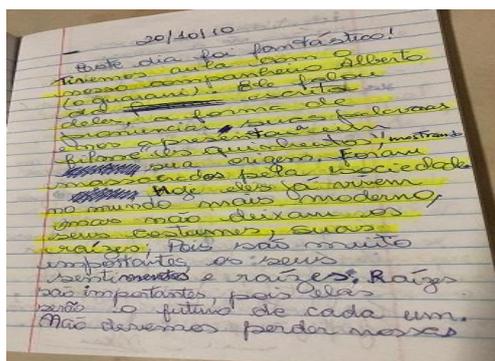


Fig. 16: Destaque com marca-texto

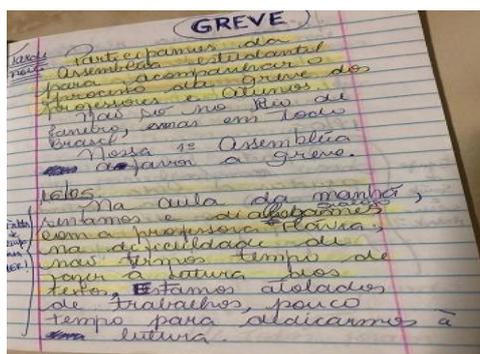


Fig. 17: Destaque com marca-texto, palavra em maiúscula

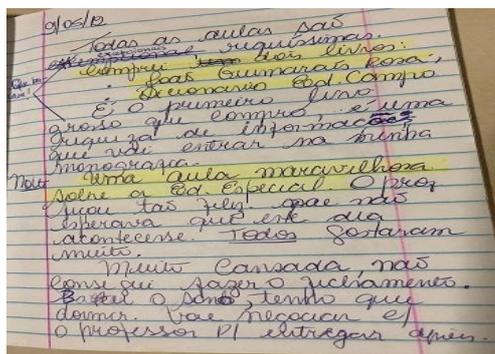


Fig. 18: Destaque com marca-texto e palavra sublinhada

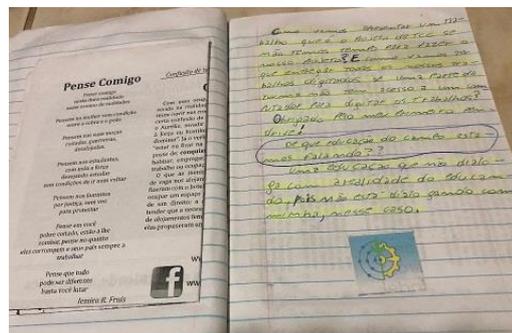


Fig. 19: Destaque com marca-texto e recurso circular

Em diálogo conceitual sobre identidade e memória, dialogamos com Hall (2003), inicialmente, para problematizar como esse movimento de escrita inscrita nos Cadernos pode ser compreendido como uma diáspora que extrapola a chegada e o retorno dos estudantes em constante transição pelos tempos escola e comunidade da alternância. Esse resgate dos territórios, via heterogeneidade nos escritos, se apresenta como uma composição diaspórica formativa, que confronta os entrelugares por onde circulam os sujeitos da LEC durante o mesmo semestre letivo. Mais do que identidade, é justamente

portanto, é por nós compreendido como um macrodestaque, ou, ainda, como metadestaque – evidenciando um aspecto que não só é importante colocar, mas necessário apresentar.

pela identificação dos sujeitos (HALL, 2000), ao se apropriarem de um coletivo que inclusive está/permaneceu nos assentamentos, que outra proposta de memória se compõe.

No aspecto da memória, já em discussão, queremos considerar a problematização de Nora (1993) quanto à crítica aos lugares fixos da memória, como se fosse possível sua eternização. Os Cadernos, em uma análise inicial de seus aspectos estéticos-textuais, nos demonstram justamente o contrário, em concordância com o autor: quando evidenciamos os sujeitos de fala, em sua vivacidade de relação inclusive com o suporte de memória, o aspecto memorial se torna suscetível a lacunas, sendo não-linear ou não-sequencial, porque se materializa pelo o que se quer recordar.

Ademais, os grupos-memória apresentados nos Cadernos – em geral trazidos junto à capa ou na contracapa pelo nome dos assentamentos – representam essa relação indissociável entre identidade-memória-identificação dos sujeitos. Isso, segundo Halbwachs (2013), só se faz possível justamente pela aproximação entre o conjunto “eu-nós-eu” em cada depoimento, compondo sobre si e sobre o outro, sempre a partir de um movimento de reminiscência coletiva.

Tomando, assim, os sujeitos licenciandos, vemos que seus vestígios de memória (POLLAK, 1992) – em folderes, em rótulos, em tíquetes – revelam vidas reais, parte de uma história social em que os estudantes passam a ser, pelos Cadernos, guardiães de um memorial (idem) que se estabelece *também* por seus escritos, mas não só. Ainda que sejam instrumentos institucionais, as composições se permitem como memórias negociadas nas instâncias do Curso, a começar pela relação com a coordenação que, com frequência, lia e fornecia, por escrito nas próprias páginas, um retorno pedagógico sobre as narrativas, como se pode verificar nas figuras 17 e 18, por exemplo.

Todas essas marcas próprias nas produções acadêmicas, as quais também chamamos de composições heterogêneas das escrituras¹¹, ou *autobiografias acadêmicas*, se constituem pelo atravessamento substancial da memória na linguagem, subvertendo a concepção tradicional do texto escrito. Suas marcas escritas, em tempo, não são perdidas: elas ganham novos elementos que se estabelecem por meio do entrelaçamento entre oralidade e escrita fundamentada por dois motivos – a proximidade do narrador à sua própria narrativa e a naturalidade com que memória e linguagem dialogam para

¹¹ Estamos também considerando, na heterogeneidade, as conversas, em tom de retorno, dos docentes incluindo a coordenação, sobre as narrativas dos Cadernos. Muitas vezes, portanto, que compunham o relato formativo-acadêmico.

garantirem coexistência. A resistência dos povos tradicionais, na Universidade, assume, no preâmbulo entre memória e linguagem, pois, sua forma atualizada e acadêmica de luta.

Por essa mesma proposta organizadora de uma narrativa que faça sentido¹², Le Goff (2013) nos orienta, neste ponto da análise, por meio de três importantes categorias, no olhar lançado novamente sobre os Cadernos. Além da relação entre tempo e narrativa, com influências significativas sobre o movimento da narratividade na produção dos licenciandos, a contribuição de Le Goff, na pesquisa, recai sobre a aproximação entre linguagem e memória com que estrutura seu pensamento a partir desses eixos categóricos.

Trata-se do *comportamento narrativo da memória, d'os sistemas auto-organizadores da vida humana, e d'a linguagem como armazenamento das informações de memória*. Pelos Cadernos, queremos compreender como o atravessamento – por uma linha de condução que perpassa igualmente as três propostas – pode ser (re)situada pela inteireza com que essas composições heterogêneas foram projetadas pelos sujeitos.

No *comportamento narrativo da memória* pela 'inteireza dos sujeitos'¹³, queremos destacar dois trechos representativos dessa categoria. No primeiro vemos a recuperação de um possível efeito social via memória em um modo discursivo particular. Os versos, em intertextualidade, chamam atenção para essa capacidade narrativa de dizer sobre algo/alguém que falhou, mas sem que se perdesse a condução da continuidade da vivência e da narrativa. E, no segundo, a intercomunicação ou a metalinguagem sobre um diário reflexivo que reflete sobre ele mesmo demonstra a insegurança e a incerteza na escrita, apesar de ser um memorial. Assim:

Quando as águas de março não conseguiram fechar o verão, mas mantiveram suas promessas de vida (Aluna M, Caderno TC).

Bom, hoje recebi meu diário de bordo. Confesso que estou um pouco apreensiva, não sei o que escrever. Ontem, dia 20 de setembro de 2010, iniciou-se a 1ª turma do Curso de licenciatura em Educação do Campo, formada por militantes de vários movimentos sociais: quilombolas, indígenas, assentados da FETAG e do MST, do qual eu milito. Estou muito feliz: há uma diversidade cultural imensa e a troca de experiência é rica (Aluna E, Caderno TE).

¹² Em nossa discussão, Le Goff (2013) também observa como os documentos – e, dentre eles, os cadernos – podem ser compreendidos como aspectos da memória, como suportes reais de algo a ser preservado.

¹³ Na recuperação das categorias de Le Goff (2013), mas reconceituadas a partir de nossa proposta que considera uma inteireza de narratividade pela escrita e pela análise dos Cadernos, usaremos, como recurso gráfico de destaque, as proposições do autor ainda em itálico e a nossa proposta de renomeação entre aspas simples. Uma forma simbólica de demarcar os espaços de autoria do autor da cunhada pela pesquisa.

Em sequência, *os sistemas auto-organizadores da vida humana* ‘pelos sujeitos de inteireza’ são por nós compreendidos, via Cadernos, como o modo com que os estudantes puderam discursivamente se (auto) e (re) organizarem, especialmente quando depois de alguma experiência significativa junto ao Curso. Nos dois trechos a seguir, de Tempos de formação distintos, a diferença também reside na composição textual: entre subjetividade e objetividade, os licenciandos demonstram que muitas podem ser as formas de apresentação reflexiva dessa organização da própria existência para a resistência do/novo espaço que é a Universidade. Assim:

A luta pela terra
O poder que oprime
E persegue
Assim é a vida do
Homem que não aceita
O domínio

(Aluna S, Caderno TE).

Coisas que deixei de cumprir na etapa do TE4:

- Participar mais a fundo do movimento estudantil, pois faço parte do DCE. [...]
- Me organizar para fazer a organicidade da turma funcionar [...].

(Aluno S, Caderno TC).

Pelas tipologias próprias desse instrumento de registro da memória-história do Curso, chegamos à terceira categoria: *a linguagem como armazenamento das informações de memória* ‘na inteireza de seus sujeitos’. A mesma linguagem, para além da língua, que simboliza, e que expõe ao máximo seus sujeitos, também o faz em busca de um coletivo, da tentativa de preservação de um conhecimento, de uma memória social. Em todos os trechos, podemos analisar como as construções dos Cadernos, mais do que exposição, admitem seus estudantes como seres que continuam a questionar e a verificar até que ponto tudo o que passam – e da forma com que têm vivido – é de fato significativo para si e para os seus. Seguem, pois, os trechos de exemplo:

[...] vejo que estamos reproduzindo a mesma educação tradicional e não uma educação popular em que os espaços são construídos participativamente no coletivo (Aluno J, Caderno TE).

Tenho aprendido muito neste curso, espero um dia poder compartilhar com a minha comunidade o que tenho vivido e aprendido na UFRRJ. Esse processo de formação está me levando a refletir por vários assuntos e aspectos que envolve o meu assentamento (Aluna A, Caderno TC).



(Fig. 20: Aluno D, Caderno TE).

A presença de árvores em desenhos, em colagens e em outras referências textuais, como no próprio discurso escrito, é um símbolo que, mesmo na Universidade, tem um simbolismo de vida e de território de pertencimento a esses sujeitos. A identidade e a identificação deles, nesse sentido, também têm se feito possível por essa marca referencial de continuidade de um ciclo que se renova.

Na dimensão final deste artigo, propomos a reflexão de como a Educação do Campo pode ser conceitualmente utilizada como ponto para outras formações, assim como a necessária revisão constante de si mesma – a partir de cada experiência formativa de seus licenciandos, por eles mesmos, em totalidade. Afinal, os escritos se apresentam como um importante registro dessas vivências dialógicas com a Universidade, em que, no caso da LEC/UFRRJ, se fez possível conhecer um pouco dos estudantes – naquilo que quiseram expor – em sua perspectiva de sujeitos inteiros, com memórias que perpassam a trajetória acadêmica, mas se constituem antes dela, e cuja história se permite materializar pela institucionalidade relativa com que se apropriam das narrativas em seus Cadernos Reflexivos.

Considerações finais: diálogos ainda não finalizados...

“Voa[ram] alto”, pela ousadia de tomada da sua própria forma de narrar, tal como nos lembra Iasi ainda na epígrafe com que abrimos este artigo. E, “no orvalho de cada dia”, inscrito a cada página, o “suor dos séculos” não apenas se faz reconhecer, mas testemunhar a memória-história desses grupos sociais em suas relações com seu novo espaço. Cadernos-memória pela Inteira de nova história formativa.

Temos, sim, a dimensão da experiência formativa como um movimento – e não como parte de um momento – que perpassa a compreensão humana, porque resgata, a todo o tempo, a trajetória de vida de todos os sujeitos, antes, durante e até depois do Curso, entendendo que todas as etapas são parte do mesmo fio da história. Mais do que isso: representam a integralidade dos indivíduos no exercício de refletir sobre a própria vida, em constante processo de formação.

Os Cadernos, por fim, não se constituem como únicos instrumentos possíveis de elaboração de reflexão narrativa, tampouco de composição memorial. Mas, ao mesmo tempo, têm a potencialidade de se apresentarem como ferramentas de afetação coletiva e institucional quanto à desconstrução de modelos cristalizados pelo tempo ou por uma ordem de formação; afinal, como já destacava Schopenhauer (2005), em meados do século XIX, em sua obra “A arte de escrever”, o efeito do que se pretende, com os escritos, provém do próprio assunto. Logo, as produções dos estudantes podem viabilizar, enfim, a projeção de suas trajetórias e que eles mesmos, como sujeitos em formação, tomem (cons)ciência de suas histórias.

O poema de Iasi, “Aos educadores populares – Aula de voo”, que nos acompanhou ao longo desse artigo, não foi aleatoriamente escolhido. Do saber que se tem contato à possibilidade de sua reconstrução, fizemos, a todo tempo, diálogo com o percurso de nossa materialidade na pesquisa. Por ser constante, a aula de voo precisa ser garantida a todos os educadores populares, em sua identificação de permissão de (se)dizer para refletir. Guardamos, pois, nosso bilhete nesta viagem, mas a ação de voar, sempre libertária, não se limita a essa única experiência. Os Cadernos nos mostraram – e com seus sujeitos aprendemos – que nenhum escrito pode se constituir casulo. As asas, em qualquer movimento ou deslocamento, sempre nos serão mais úteis nessa ruptura necessária, de um tempo atrás, de um momento outro. Por uma linguagem, enfim, que se permita a meta da forma e, metamorfoseando-se, (re)exista nas brechas – tal como nos Cadernos, que se imponha como podendo ‘se dizer’, também em uma formação acadêmica. Linguagem decolonial.

Referências

- ADORNO, Theodor W. *Educação e emancipação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- ARROYO, Miguel. Tempos humanos de formação. In: CALDART, Roseli Salete; PEREIRA, Isabel Brasil; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio (Orgs). *Dicionário da Educação do Campo*. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012. Pp. 733-740.
- CALDART, Roseli Salete; PEREIRA, Isabel Brasil; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio (Orgs). *Dicionário da Educação do Campo*. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2013.

DA FORMAÇÃO DOCENTE em narrativa decolonial:
Construindo identidades, memórias e histórias na LEC/UFRRJ

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora da UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003.

_____. Quem precisa da Identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Ed. Unicamp, 2013.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo, n.10, dez. 1993, p.7-28.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, nº 10, 1992, p. 200-212.

SCHOPENHAUER, Arthur. *A arte de escrever*. Porto Alegre: L&PM, 2005.

Recebido em: 22 nov. 2020.

Aprovado em: 6 out. 2021.

***Fabrícia Vellasquez Paiva** é Professora Adjunta da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Possui graduação em Letras Português/Literaturas pela UERJ e em Serviço Social pela UFF. É Mestre em Educação pela UFRJ e em Bens Culturais e Projetos Sociais pela FGV/RJ. Doutora em Educação pela UFRRJ. Coordena grupo de pesquisa e de extensão em Educação, Linguagem e Sociedade.

E-mail: fabriciavellasquez@yahoo.com.br / fabriciavellasquez@ufrj.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2400-6664>
